

O estatuto da oralidade: da unicidade à multiplicidade

Sílvio Augusto de Oliveira Holanda
Universidade Federal do Pará

1. INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a problemática da oralidade vêm crescendo no Brasil, exigindo dos pesquisadores o enfrentamento teórico necessário para dar conta, por um lado, do seu objeto de estudos e, por outro, para justificar-se no âmbito da academia, onde ainda se encontram resistências ao estudo da literatura oral, quer por desconhecimento, quer por preconceitos injustificáveis. No plano da Teoria Literária, mercê dos estudos de Lord (1960), Ong (1967), Havelock (1982), Perry (1971), e de outros pesquisadores, delineia-se a possibilidade de rediscutir a análise da oralidade na Literatura. A teoria narrativa moderna (Propp, Lotman, Greimas, etc.) tem contribuído também no sentido de dotar tal área de estudo de estatuto científico, embora se possa discutir as bases epistemológicas em que se assenta tal empreendimento.

O próprio conceito de oralidade sofreu modificações, como se verá a seguir com Zumthor, passando da unicidade à multiplicidade e estabelecendo várias mediações entre a oralidade e a escrita. Visamos, neste breve estudo, verificar a viabilidade teórica e analítica do estudo de textos literários orais a partir de um conceito mais amplo de literatura oral. Para tanto, consideraremos também a possibilidade de existirem textos literários escritos que, por meio de uma gama de recursos lingüísticos, apresentam uma forma mediata e ficcional de oralidade. Estudaremos uma narrativa oral pertencente ao acervo coletado pelo IFNOPAP (1993) e uma outra pertencente à obra *Tutaméia* (1967), de João Guimarães Rosa. Nosso objetivo

fundamental é provar que a Teoria Literária, sob pena de limitar seu horizonte epistemológico, deve considerar, na análise e interpretação de textos, aquilo que Zumthor chamou de 'concreção da voz'.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Aguiar e Silva, discutindo o conceito de literatura oral a partir da Semiótica, rejeita a idéia de que a utilização do "código grafemático" seja suficiente para diferenciá-la da literatura escrita, uma vez que

o sistema semiótico da literatura oral diferencia-se do sistema semiótico da literatura escrita [...] sobretudo porque comporta sinais e códigos diferentes e porque o seu funcionamento, no que diz respeito à produção, à estruturação e à recepção do texto, é diverso em comparação com o funcionamento do sistema semiótico da literatura escrita (1994: 138).

Entre os sinais diferentes, estão os paraverbais e extraverbais; entre os códigos, o musical, o cinésico, o proxêmico e o paralingüístico (entoação, qualidade de voz, riso, etc.). Sob o ponto de vista da recepção, ainda segundo Aguiar e Silva, o texto literário oral "existe potencialmente na memória do emissor – seja ele autor *strictu sensu*, rapsodo, jogral, recitador, etc. – e, em grau variável, na memória da sua audiência" (1994: 142).

Paul Zumthor (1987), ao defender a tese da oralidade da literatura medieval em *A Letra e a Voz*, viu-se obrigado a esclarecer alguns mal-entendidos que cercam o estatuto da oralidade, postulando que a voz – concreção que se opõe à abstração da oralidade – foi, no âmbito da literatura medieval, um fator constitutivo de toda a obra considerada literária. "Pretendo – afirma ele no prefácio – menos afirmar a importância da oralidade na transmissão, na produção mesma, dessas obras do que tentar julgar e medir o que essa oralidade implica"

(1987:9-10). Contrariando muitas idéias correntes sobre o conceito de oralidade, o autor propõe que se distingam três tipos de oralidade: *primária, segunda e mista*. O primeiro tipo é marcado pela ausência completa de contato com a escrita. Forma primária e imediata de oralidade, ela "se encontra apenas nas sociedades desprovidas de todo sistema de simbolização gráfica, ou nos grupos isolados e analfabetos" (1987: 18). O traço comum aos dois outros tipos de oralidade é a possibilidade de coexistirem com a escrita. A oralidade segunda – procedente da cultura "letrada" – recompõe-se "com base na escritura num meio onde esta tende a esgotar os valores da voz no uso e no imaginário" (Zumthor, 1987: 18). A modalidade mista – oriunda da cultura "escrita" – ocorre quando "a influência do escrito permanece externa, parcial e atrasada" (1987: 18). Comentando o texto de Zumthor, Jerusa Pires Ferreira observa a propósito da oralidade:

A oralidade se faz um princípio do texto poético, permitindo-lhe deslocar a dicotomia popular/erudito, evitando discriminações. O reconhecimento profundo da materialidade produtiva da voz, com seus atributos intercorrentes que abalroam o signo – nomadismo radical, intervocalidade, eroticidade, movência, dissipação da autoria – propõe de fato novos caminhos (1987: 287).

3 ANÁLISE DA NARRATIVA ORAL ESCOLHIDA

Para melhor compreensão deste estudo, transcrevamos a narrativa a ser estudada:

E também uma senhora do lado, a vizinha dela, né. Foi pescar com o marido dela uma vez. Ai, ela estava menstruada. Foram pescar, o marido dela saiu para jogar a rede e ela ficou no barco. De repente, aquele homem apareceu, o marido dela. Não sabe de onde. Lá eles manteram relações normalmente. Ela nunca sabia que ia acontecer alguma coisa. Depois daquela relação, engravidou, né.

Quando foi na época de descansar, né, foi para o hospital, aí a barriga dela estava crescendo inormal. Uma coisa inormal, sabe. Uns achavam que era gravidez, outros achavam que não era gravidez. Aí, foi para o hospital, chegou na hora do parto, nasceram três botos, três filhotes de botos, né. O médico falou assim mesmo:

— Olhe, os seus filhos são filhos de boto. Eles têm que serem mortos. Porque se você não matá-los, você vai morrer, entendeu?

Mas, antes dela ir para o hospital, ter os botos, o boto parece que sentiu que ela ia descansar naquele momento, foi atrás dos filhos.

Quando ele chegou lá, já estavam mortos, porque mataram no hospital. Porque ela ou os botos, né. Aí, foi uma coisa, assim, de louco. O marido dela não sabia o que fazer. Porque ela dizia que tinha transado com ele e ele dizia que não tinha transado com ela naquele momento. Que ela estava menstruada, foram pescar, né.

Já pensou você ir pescar, de repente um homem aparecer, assim, do seu lado, numa forma do seu namorado, seu marido, sei lá! Transar com você, você engravidar, chegar na hora do parto, você ter três filhos de boto. O marido dela ficou desesperado [...]. Até hoje. Essa lenda é bastante comentada em Soures. Anos mesmo... era garoto, ficamos muito assustados. Eu principalmente, que sou muito assustado. Aí, foi isso.

Esta narrativa foi coletada por Simone da Silva Brito, bolsista do Programa de Pesquisa IFNOPAP, em setembro de 1993. O texto em estudo pode ser abordado sob vários aspectos, sendo que a leitura temática poderia ressaltar-lhe o erotismo. A nossa leitura da narrativa procurará deslindar, principalmente, os índices de oralidade nela presentes. Tais índices – acompanhamento musical, uso de fórmulas do tipo eu quero

dizer, vazios documentais, etc. – podem ser entendidos, com Zumthor, como “*tudo aquilo o que, no interior de um texto, nos informa sobre a intervenção da voz em sua publicação*” (1987: 35).

Espécie de atualização amazônica do mito de Anfitrião, a narrativa, quanto à caracterização das personagens, mantém-se em resistente não-nomeação, sendo estas identificadas pelo uso recorrente de um elemento linguístico: a mulher menstruada é ela; o homem “traído” é o marido; o amante é o boto: “*Foi pescar com o marido dela.*” (linha 1). O boto metamorfoseia-se no marido para fazer sexo, legitimamente, com sua “esposa”, o que garante, no plano aparente, a manutenção do código ético vigente no espaço social referenciado pelo texto. Pode-se admitir que o texto, presente na memória do narrador, promana de uma cultura em que os valores se transmitem de maneira eminentemente oral. A língua falada assume uma variante popular, de que são exemplos os marcadores discursivos do tipo né, certas formas verbais (“manteram”) e certas construções sintáticas (“*Eles têm que serem mortos*”), tidas como desviantes em relação ao português padrão, porém assumidos pela voz narradora. Reafirma-se, assim, “*a onipotência da voz, participando, em sua plena materialidade, da significância do texto e a partir daí modificando, de alguma maneira, as regras de nossa leitura*” (Zumthor, 1987: 20).

A fórmula “é comentada” (linha 20) indicia a materialidade da voz que participa da produção do texto, orientando os leitores da narrativa no sentido de o relacionarem a outras formas assumidas pela oralidade (mito, adivinha, fábula, etc.). O texto é identificado pelo narrador como lenda, narrativa em que, segundo alguns teóricos, um fato histórico sofreria transformações sob o efeito da imaginação popular. Esta identificação é mais um índice de oralidade do texto considerado.

4 ANÁLISE DA NARRATIVA ROSIANA

Para par da narrativa oral que estudamos no parágrafo anterior, escolhemos o conto “Desenredo”, texto incluído no volume *Tutaméia* (1967). Nossa breve leitura não se dirigirá à defesa equivocada da presença de uma oralidade pura no referido texto, buscando antes demonstrar as diferentes mediações entre o escrito e o oral. Mais uma vez, baseamo-nos em Zumthor para justificar a postulação de oralidade em texto que aparentemente repele qualquer aproximação com a materialidade da voz:

A fixação pela e na escritura de uma tradição que foi oral não põe necessariamente fim a esta, nem a marginaliza de uma vez. Uma simbiose pode instaurar-se, ao menos certa harmonia: o oral se escreve, o escrito se quer uma imagem do oral; de todo modo, faz-se referência à autoridade de uma voz (1987: 154).

Outra observação deve ser feita: a oralidade em Guimarães Rosa não está a serviço de qualquer documentalismo, isto é, as formas orais aproveitadas pelo autor se prestam a uma reelaboração estética de certas variantes lingüísticas populares e/ou regionais, associadas a outras formas de criação literária: recurso a línguas estrangeiras, uso de formas vernaculares arcaicas, etc. A proposta do autor, de certa forma, retoma o esforço de renovação da linguagem literária do nosso primeiro Modernismo, o impulso lançado por Mário de Andrade e Oswald de Andrade.

O texto de Guimarães Rosa que escolhemos é ideal para certos formalismos estéticos, que saberiam, em nome da tão explorada intertextualidade (o famoso mosaico de citações de Kristeva), apontar as relações paródicas a partir das quais o texto se montaria. Nossa leitura procurará fugir ao textualismo que ainda marca algumas leituras do autor mineiro. Reduzindo-se o texto à sua superficialidade, seria difícil não tomá-lo como mera narrativa de um caso de adultério em espaço em que vigoram rígidos códigos morais: “[...] as aldeias são a alheia vigilância. Então ao rigor geral os dois se sujeitaram, conforme o clandestino amor em sua forma local, conforme o mundo é mundo” (Guimarães

Rosa, 1993: 47). Jó Joaquim, o par masculino, é apresentado pelo narrador logo às primeiras linhas do texto, fazendo uso de uma remissão irônica ao livro do *Gênesis*, remissão essa que o leitor poderá compreender pelo conhecimento prévio do livro sagrado do Cristianismo:

— Jó Joaquim, cliente, era quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja. Tinha-o para não ser célebre. Com elas quem pode, porém? Foi Adão dormir, e Eva nascer. Chamando-se Livíria, Rivília ou Irvília, a que, nesta observação, a Jó Joaquim apareceu (Des, p.47).

Quanto à mulher, a descrição combina referências ao texto alencariano de *Iracema* com recriações de provérbios – depositários de uma certa forma de oralidade – : “[Livíria era] antes bonita, olhos de viva mosca, morena mel e pão. Aliás, casada.”(Des, p.47). O exemplo citado mostra, por um lado, que a voz que se materializa no texto de Guimarães Rosa não é tributária de nenhuma forma de mimetismo fotográfico e, por outro, que a oralidade não exclui contatos com a escrita literária e filosófica (Vejam-se as referências ao platonismo). Há no texto muitas outras formas de reelaboração de provérbios ou construção pelo narrador de frases à maneira de provérbio:

“Todo abismo é navegável a barquinhos de papel”;

“Esperar é reconhecer-se incompleto”;

“O trágico não vem a conta-gotas”;

“A bonança nada tem a ver com a tempestade”, etc.

Com a habilidade narrativa que lhe é peculiar, o narrador consegue a expectativa temática criada no leitor logo no início da narrativa, o que exige uma sutil transição do trágico para o cômico:

Até que – deu-se o desmatreio. O trágico não vem a conta-gotas. Apanhara o marido a mulher: com outro, um terceiro... Sem mais cá nem mais lá mediante revólver, assustou-a e a matou (Des, p. 47).

Os acontecimentos narrados a seguir, além do humor, representam um grande exemplo da poética não realista a que o

narrador adere parodiando modelo narrativo de um realismo: o tema do adultério, a crítica a certas instituições e, no plano ideológico, o materialismo dialético ou não. Antes de mais nada, rejeita-se a idéia de rígido determinismo a que obedeceria a conduta dos personagens: “*Sempre vem imprevisível o abominoso? Ou: os tempos se seguem e parafraseiam-se*” (Des, p. 48). Dá-se, após a morte do primeiro marido de Lívria e o casamento desta com Jó Joaquim, novo caso de adultério: “*Da vez, Jó Joaquim foi quem a deparou, em péssima hora: traído e traidora. De amor não a matou, que não era para truz de tigre ou leão. Expulsou-a apenas, como inédito poeta e homem*” (Des, p. 48). Em uma pequena aldeia, um personagem aparentemente pacato como Jó Joaquim passa, então, a assumir atitudes que o culto narrador descreve usando a linguagem de Platão:

“Desejava ele, Jó Joaquim, a felicidade – idéia inata. Entregou-se a remir, redimir a mulher, à conta inteira. Incrível? É de notar que o ar vem do ar. De sofrer e amar, a gente se desafaz. Ele queria os arquétipos, platonizava. Ela era um aroma” (Des, p.48)

O leitor, diante da personagem, acostumado a descrições positivistas de um Euclides da Cunha e regionalistas de um José Américo de Almeida, percebe que deve modificar, pela leitura de Guimarães Rosa, sua percepção da realidade. A ação narrativa, sob a perspectiva platônica assumida pelo narrador, também sofre modificações impensáveis para a chamada metafísica ocidental, passando o personagem a negar o passado como forma do “mundo sensível”: “*Nunca tivera ela amantes! Não um. Não dois [...] Reportava a lenda a embustes, falsas lérias escabrosas [...] Demonstrando-o, amatemático, contrário ao público pensamento e à lógica, desde que Aristóteles a fundou*” (Des, p.49).

“Operado” o passado pelo narrador, refaz-se o destino de Jó Joaquim e Lívria – a tal ponto que a amada, diante do amor absoluto do amado, torna-se novamente pura e muda de nome –, que, reconciliados, voltaram a viver juntos:

*Três vezes passa perto da gente a felicidade.
Jó Joaquim e Lívria retomaram-se, e conviveram-se,
convolados, o verdadeiro e melhor de sua útil vida.// E
pôs-se fábula em ata”* (Des, p.49).

As breves considerações feitas a propósito de “Desenredo”, em síntese, mostram que a oralidade não tem os limites espaciais dos cordéis dos cantores nordestinos, manifestando-se também em um dos mais “requintados” escritores brasileiros, escritor em cuja obra vibram ressonâncias dos maiores nomes da literatura ocidental: Platão, Homero, Joyce e muitos outros. A postulação de uma oralidade (evidentemente ficcional e mediata) em Guimarães Rosa não empobrece o valor estético de sua obra, como alguns preconceituosamente julgam; ao contrário, enriquece-a pela abertura não dogmática ao mito, à lenda, à fábula, a narrativas orais de toda ordem, que levam para a obra literária todo um universo de experiências humanas, muitas vez esquecidas pelos leitores dos grandes centros urbanos. A narrativa oral aqui sumariamente estudada, por sua vez, permitiu verificar a sua relevância para a discussão dos grandes temas da Teoria Literária, entre eles o problema da recepção literária, a questão da representação do real e outros aspectos da narrativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. Teoria da Literatura. 8. ed. Coimbra: Almedina, 1994.
- HAVELOCK, Eric. The literate revolution in Graece and its cultural consequences. Princeton: Princeton University Press, 1982.
- LORD, Albert. The singer of tales. Cambridge: Harvard University Press, 1960.
- ONG, Walter. The presence of the word. New Haven: Yale University Press, 1967.
- PARRY, Adam (ed). The macking of homeric verse. Oxford: Claredon Press, 1971.
- PUSCH, Thereza Christina. A (falsa) oralidade em Guimarães Rosa: Tutaméia. Uniletras. Ponta Grossa, n. 7, p.70-7, dez. 1985.
- ROSA, João Guimarães. Tutaméia. 6.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz. Trad. Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.